

Artistas

A SUL

«Estendal», de Ângela Ferreira



Assente numa ideia forte — expor artistas mulheres —, a exposição coordenada por Alexandre Barata construiu-se como uma constelação de afecto **Texto de Ana Ruivo**

Em 2005, uma das exposições mais interessantes da programação da Bienal de Veneza decorreu no edifício do Arsenal, comissariada por Rosa Martínez. Iniciava-se sob a tónica de um manifesto feminista, com a acção divertida e empenhada das «Guerrilla Girls», a que se associava a presença da artista portuguesa Joana Vasconcelos, e estimulava o debate sobre o papel das mulheres na arte contemporânea e a evidência de-

nunciada da sua escassa presença nos circuitos expositivos institucionais (e na Bienal de Veneza em particular), num século em que o estatuto das mulheres foi sendo revisto, vencendo resistências e barreiras de vária ordem. Se a mostra agora inaugurada no Centro Cultural de Lagos não tinha inicialmente a intenção de realçar estes problemas, mas apenas a vontade de reunir um grupo de artistas cujo trabalho tem tido pouca divulgação no sul do país, cedo se percebeu, de forma inteligente, descomplexada e sem querer incutir ou for-

jar falsas preocupações feministas nos trabalhos expostos, que seria incontornável esta assumption. Assente numa ideia forte — expor artistas mulheres —, a exposição coordenada por Alexandre Barata construiu-se depois como uma constelação de afectos em que as artistas se foram seleccionando e deram expressão a proximidades e oposições (de pesquisa, de discurso), criando uma galeria de encontros e singulares coexistências.

São, na sua maioria, obras já vistas, produzidas e exibidas ao longo dos últimos anos e, não →

→ sendo necessariamente expressão de uma «arte feminina» ou «feminista», reflectem uma (e sobre uma) condição, atravessam questões tradicionalmente associadas ao universo da mulher, apropriam-se delas e subvertem-nas de forma inventiva e irónica. Tal é o caso da presença recorrente da ideia de «casa» dentro da abordagem mais ampla às questões do espaço, da recuperação de narrativas que se associam a vivências do tempo, à invocação do imaginário infantil ou da análise da história da mulher, dos veículos e dos mecanismos de construção do seu papel na sociedade ocidental contemporânea.

Com uma forte marcação no espaço encontra-se a peça de Fernanda Fragateiro. Erguida em madeira com a simplicidade desarmante das maquetas e a agilidade da «bricolage», esta frágil estrutura provoca a percepção e propõe, mais do que uma construção identificável (uma casa ou corredor), uma forma de habitar e experimentar o espaço. Num contraponto visual algo desconcertante, o *Estendal*, de Ângela Ferreira, é a primeira intervenção com que o espectador se defronta ao entrar na sala. Suspenso na parede, este elemento recorrente da arquitectura urbana portuguesa é aqui utilizado numa alusão à metodologia dos arquitectos e aos sistemas de impressão, tornando-se «projecto» o espaço que numa placa de acrílico foi desenhado e transposto para a parede como sombra: isto é, a planta de uma casa moçambicana, habitual marca do manuseio de referentes ligados à história da artista e dos contextos construtores da identidade dos territórios. Entre estas duas peças, os trabalhos de Armanda Duarte, a mais discreta das artistas expostas, que opera entre a memória e os vestígios de uma história colectada, indexada com a intimidade do tempo ido, em calendários pessoais e hábitos comentados.

Partindo do princípio de que tudo pode ser utilizado como acontecimento de pintura, de que esta se faz no agenciar de todos os materiais que se podem colar sobre um suporte e de que dessa diversidade se estrutura e recobre de sentido o que se viveu na compulsão insatisfeita dos dias, Ana Vidigal associa ao poder da imagem a escrita que pessoaliza um discurso com características de diário. Frente aos seus dois trabalhos, as esculturas de Susanne Thémilitz aguardam na estranheza própria dos personagens mutantes, entre uma proximidade reconhecível e as possibilidades de uma ficção com longa história. Os trabalhos de Maria Lusitano encerram o percurso, e o seu vídeo *Mulher Moderna* acaba por concentrar as várias questões que aqui foram sendo enunciadas ao forjar, pela apropriação de imagens oriundas de revistas, uma empática narrativa centrada na vida de uma personagem que luta pela sua emancipação.

actual@expresso.pt

Armanda D., Ângela F., Ana V.,
Fernanda F., Maria L., Susanne T.

Centro Cultural de Lagos, até 9 de Maio